

ERNILDO STEIN (Org.), *A cidade de Deus e a cidade dos homens. De Agostinho a Viço. Festschrift para Luís Alberto De Boni*, EDIPUCRS, Porto Alegre 2004, 830 p.; ISBN: 85-7430-485-9

ERNILDO STEIN (Org.), *A cidade dos homens e a cidade de Deus*, EST Edições, Porto Alegre 2007, 320 p.: ISBN. 978-85-7517-019-9.

Estas duas obras constituem a homenagem de vários pensadores das mais diversas universidades e centros de pesquisa ao Prof. Doutor Luís Alberto De Boni. Docente na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o Prof. De Boni é um dos principais promotores da filosofia medieval no Brasil. Ao longo da sua carreira impulsionou a investigação histórica e filosófica, foi responsável pelo acompanhamento e pela formação de muitos jovens nos cursos de pós-graduação, desenvolveu um extensíssimo trabalho editorial, através de periódicos e obras conjuntas e é autor de numerosos artigos publicados em revistas e livros nacionais e internacionais. A bibliografia completa do Prof. Doutor Luís Alberto De Boni pode ser consultada no Sistema de Currículo Lattes (<http://www.cnpq.br>) e na entrada que lhe é dedicada na Wikipédia ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Luis\\_Alberto\\_De\\_Boni](http://pt.wikipedia.org/wiki/Luis_Alberto_De_Boni)).

Estes dois volumes são, assim, um louvor a uma vida dedicada à filosofia, onde «O Prof. De Boni não é celebrado apenas pela sua sabedoria acumulada, mas pelo sentido do essencial na determinação do legado da filosofia não apenas de uma época, mas que mantém sua vitalidade ao longo dos séculos. A homenagem, portanto, constitui um reconhecimento pela obra como um todo e pela dedicação que representa sua vida na causa da própria filosofia (Magistro Sereno – *Apresentação*, pp. 12-3)».

O primeiro volume, editado em 2004, está dividido em três partes.

A primeira parte abarca um vasto período histórico – desde a Antiguidade tardia ao século XII –, onde são apresentados estudos sobre diferentes autores e temáticas. Fernando Fleck inaugura esta secção com um artigo onde procura mostrar que os filósofos medievais empregaram um modo de argumentar que hoje normalmente se associa à chamada filosofia analítica, aplicando e exemplificando o uso deste método na análise do tema da criação do mundo. Seguem-se dois artigos sobre os neoplatónicos Plotino e Orígenes. Em Plotino, é estudada a relação do Uno com o mundo segundo as interpretações panteístas e panenteístas originadas pelo conceito de emanação; no artigo sobre Orígenes, recorrendo-se à obra *Contra Celso*, mostra-se que o teólogo não contesta a filiação filosófica de Celso mas as suas «críticas e injúrias» contra a fé cristã. Encontramos também quatro ensaios sobre o bispo de Hipona, nos quais se estudam a génese do múltiplo dentro do Uno (Deus Uno e Trino) e a partir do Uno (a criação) e a unidade do uno e do múltiplo em Cristo, os

conceitos de beatitude e justiça no seu pensamento e o alcance e significado da metáfora da filosofia como porto. Sobre Severino Boécio encontramos um estudo onde se compara a sua concepção filosófica sobre o mal à desenvolvida por Leibniz. A Escoto Eriúgena são dedicados dois artigos, um sobre a influência de Orígenes no pensamento de Eriúgena, designadamente no *De divisione naturae* e outro onde se mostra que teofania designa um dom divino pelo qual a infinitude divina permite ser contemplada por meio do que é finito e criado e deve ser entendida como uma promessa de uma vida futura e uma possibilidade que dormita em todos os homens e que deve ser analisada e compreendida em conjunto com a doutrina da deificação do homem. Santo Anselmo é-nos apresentado a partir de um estudo crítico da tradicional qualificação «intelectualista» atribuída ao *Proslogion*, de uma exposição sobre o uso da razão dialéctica na discussão da Trindade no *Monologion*, da procura da influência de Agostinho nestas obras e pela afirmação da actualidade do seu pensamento. Andreas Speer dedica-se a Hugo de São Victor e Thierry de Chartres e, recorrendo à noção de sabedoria destes autores, argumenta, contra Pierre Hadot, a favor de uma dimensão prática e de uma independência da sabedoria filosófica ante a Teologia. A condenação de Joaquim de Fiore é abordada por Noeli Rossatto, a partir do argumento *contra Lombardum* presente no texto do IV Concílio Lateranense. O *Codex Calixtinus* é explorado por Pedrero-Sánchez que se debruça sobre o sermão *Veneranda Dies*, estuda a sua estrutura e partes, realçando aquela em que se faz referência aos perigos do caminho percorrido pelos peregrinos. Esta primeira parte apresenta ainda um estudo sobre o direito sucessório na monarquia sueva e uma reflexão historiográfica em torno da corrente tradicional medievista que defendeu o carácter patrimonial do *regnum francorum* e a falência da autoridade pública na realeza merovíngia.

A segunda parte é dedicada à filosofia grega, árabe e judaica. Platão e Aristóteles, os grandes filósofos da antiguidade, abrem esta secção. Sobre Platão encontramos um artigo sobre a sua concepção de retórica e sobre Aristóteles é apresentado um estudo sobre o conceito de verdade nos textos em que esta noção é explicitamente tematizada. A filosofia judaica é representada por Ibn Gabirol. Nos dois artigos sobre este filósofo e poeta podemos conhecer a sua vida, época e obra e perceber de que modo a sua concepção de vontade assenta essencialmente sobre um esquema neoplatónico que o leva a formular uma graduação da matéria e da forma que, por sua vez, se repercute em toda a sua hierarquização dos seres. Os representantes da filosofia árabe são Al-Farabi, Avicena e Averroes. Sobre Al-Farabi encontramos uma tradução da *Epístola sobre o intelecto* e um estudo sobre o *De scientiis*, no qual se assevera a existência de uma apresentação sistemática das ciências e dos seus princípios e um lugar de destaque para a filosofia. Também de Avicena é possível encontrar uma tradução, realizada directamente a partir do árabe, do capítulo sobre «A existência e sua divisão em substância e acidente» da obra *Preciosidades da sabedoria (Uyun al-Hikma)*. O artigo sobre Averróis analisa o conceito de substância nos seguintes pontos: a

matéria é, mas é em potência; a matéria é substância, suas características; a matéria e sua potência para as formas; a matéria e suas dimensões. Jorge Ayala estabelece, no seu estudo, a ponte entre as culturas árabe e judaico, já que propõe a análise das relações entre a fé e a razão em autores árabes e judeus, designadamente em Al-Farabi, Avempace, Avicébron, Sa'adia Gaon, Ibn Paquda, Abraham Ibn Daúd de Toledo e Maimónides. O *Livro das Causas* é apresentado por Jan ter Reegen que analisa o seu conteúdo, a sua importância e indaga acerca do seu autor. Esta segunda parte termina com um estudo sobre Gregório IX e a condenação do Talmud em 1239 e um artigo sobre o conceito de aristotelismo português e as fontes medievais do aristotelismo português nos séculos XIII a XV.

O mundo franciscano merece destaque na terceira e última parte deste volume. É proposto um itinerário pelo pensamento franciscano sobre o louvor da criatura a partir de S. Boaventura, Roberto Grosseteste, João Duns Escoto e Guilherme de Ockham, a análise da disputa em torno da pobreza de Cristo, mostrando-se que esta serve para ilustrar uma proposta de ordem antropológica, não só individual mas também colectiva, com uma pretensão soteriológica e messiânica (que acaba por tocar uma outra questão mais geral de ordem ontológica: a lei do *conatus essendi* e da *hipostase*) e o estudo da pobreza a partir do livro dos *Actus-Fioretti* e, em especial, da narrativa do Lobo Gúbio presente no capítulo 21. Sobre o fundador da ordem franciscana, encontramos um estudo que defende que Francisco de Assis propõe uma cosmovisão, uma antropovisão e uma teovisão próprias, e onde se analisa a relação do homem com o outro - fraternidade - e a relação do homem com Deus. Roberto Grosseteste é apresentado por Celina Lértora Mendoza como um dos representantes da teologia monástica ou teologia sapiencial e alguém que procurou elaborar uma teologia baseada na *lectio divina*. Lértora Mendoza considera que a obra *Hexaemeron* constitui uma síntese última da teologia do monacato, na qual Grosseteste oferece uma notável selecção de ideias patrísticas, procura uma solução sistemática para os problemas que surgem no comentário aos primeiros versículos e ostenta um admirável texto sobre o objecto da teologia. Cruz Pontes disserta sobre o conhecimento que Portugal teve, na Idade Média, da obra de Raimundo Lúlio e estuda a presença das suas obras e do seu pensamento no *Leal Conselheiro* de D. Duarte e no *Livro da Corte Enperial*, comparando algumas passagens. Sobre Duns Escoto podemos encontrar três artigos. No primeiro descreve-se e avalia-se, por meio de um exemplo de *logica utens*, a concepção escotista de suposição pessoal, tendo em conta quer as mudanças significativas que ocorreram no século XIV no que respeita às técnicas de *descenso* utilizadas na suposição pessoal, quer a reconstrução da definição de suposição pessoal que permite o exame da concepção semântica do franciscano. Termo e referência; Significado e suposição de termos na proposição; Suposição pessoal confusa e Definições são alguns dos conceitos analisados neste estudo. A partir da obra *Quaestiones super libros Metaphysicorum Aristotelis* procura-se, no segundo estudo, perceber de que modo o alcance do conhecimento humano se torna numa investigação sobre

a possibilidade de o homem, na sua existência actual, conhecer as substâncias imateriais. Por último, é proposto um estudo sobre a sistematização «radicalmente nova» da razão prática em Duns Escoto. Este artigo contempla a distinção entre a acção humana segundo a *affectio commodi* e a *affectio iustitiae*, o exame do papel do intelecto e da vontade, a oposição entre homens livres e «andróides» e o estudo do conceito de pessoa. José Antônio Camargo de Souza apresenta o *Tratado sobre o Principado Temporal* de Francisco de Meyronnes, cuja análise permite que conclua que o franciscano assume uma concepção monolítica da sociedade e defende a absorção do estado na Igreja, do poder temporal no poder espiritual. O último artigo desta secção é dedicado ao movimento franciscano da província de Marche entre 1300 e 1400 e à observância da *Regola*, entendida como um encontro de diversas tentativas de interpretação da herança de Francisco de Assis.

Conteúdo: E. Stein (org.), *Magistro Sereno – Apresentação*, p. 9-16; PARTE I: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XII: F.P.A. Fleck, *Pseudoproblemas na filosofia medieval*, pp. 19-31; R.A. Ullmann, *Plotino – a relação do Uno (Archê) com o mundo*, pp. 33-50; M. Spinelli, *A polémica de Orígenes com o epicurista Celso – sobre o conflito entre o platonismo e aristotelismo no cristianismo primitivo*, pp. 51-74; C. Cirne-Lima, *Sobre o Uno e o múltiplo em Agostinho*, pp. 75-91; I.J. Sangalli, *A beatitudo como Bem supremo em Agostinho*, pp. 93-106; J. Paviani, *Alegoria do Porto em Santo Agostinho – filosofia e vida feliz*, pp. 107-15; M.R. N. Costa, *O lugar da Justiça na doutrina ético-política de Santo Agostinho*, pp. 117-31; M. Dreyer, *Unde malum? A respeito do problema da Teodicéia em Boécio e Leibniz*, pp. 133-53; J. Lupi, *O origenismo de João Escoto Eriúgena*, pp. 155-62; O.F. Bauchwitz, *'Occulti manifestatio': la doctrina de la Teofania según Juan Escoto*, pp. 163-82; LR. Roedel, *O direito sucessório nas monarquias germânicas: um estudo de caso*, pp. 183-99; D.V. Ribeiro, *A realza merovíngia na reflexão historiográfica*, pp. 201-20; S. Magnavacca, *Tres movimientos agustinianos para una sinfonia anselmiana*, pp. 221-37; M. Vasconcellos, *O conceito de razão no Monolégio de Santo Anselmo*, pp. 239-56; A.L. Montenegro, *Santo Anselmo de Copenhague*, pp. 257-73; A. Speer, *Amor vel studium sapientiae – Filosofia e sabedoria em Hugo de São Victor e Thierry de Chartres*, pp. 275-90; M.G. Pedrero-Sánchez, *Os perigos do Caminho de Santiago segundo o 'Codex Calixtinus'*, pp. 291-307; N.D. Rossatto, *Joaquim de Fiore contra Pedro Lombardo – gênese, estrutura e evolução do argumento antiqueternista*, pp. 309-31. PARTE II: A RECEPÇÃO DA FILOSOFIA GREGA, ÁRABE E JUDAICA: L.M. Mongelli, *A indisciplina Retórica de Platão*, pp. 335-47; F. Rodrigues, *As análises de Aristóteles sobre a noção de verdade*, pp. 349-70; R. Ramón Guerrero, *La Epístola sobre el intelecto de Al-Farabi*, pp. 371-89; J.H.J. Schneider, *Al-Farabi e o aristotelismo na idade Média latina*, pp. 391-408; J.I. Iskandar, *A filosofia de Avicena*, pp. 409-13; N. Falbel, *A doutrina da vontade em Schlomo ibn Garibol*, pp. 415-71; R.T. Souza, *Para além do tempo e da intemporalidade, ou da*

*estranha realidade da ética – sobre algumas pérolas da ‘Seleção de Pérolas’ de Schlomo ibn Garibol*, pp. 473-83; J.G.J. ter Reegen, *‘O Livro das Causas’ – uma introdução à sua leitura*, pp. 485-502; A. Pérez-Estévez, *Materia y sustancia en Averroes*, pp. 503-25; J.M. Ayala, *La relación “Fe-razón” en la filosofía judeo-musulmana de Al-Andalus*, pp. 527-40; G.L. Potestà, *Condanne papali del Talmud, invasione mongola e attese escatologiche in Occidente in torno al 1240*, pp. 541-69; L.A. Cerqueira, *Fontes medievais do aristotelismo português vigente no Brasil durante o período colonial*, pp. 571-88. PARTE III: O MUNDO FRANCISCANO: Frei R. Costa, *A relação em Francisco de Assis*, pp. 591-603; M.O. Marques, *O louvor franciscano a toda criatura em perspectiva filosófica*, pp. 605-10; Frei L.C. Susin, *‘Sine Proprium’ – Deposição ontológica e antropológica em conflito*, pp. 611-24; A.S. Moreira, *O Lobo de Gubbio: legenda medieval e espiritualidade franciscana*, pp. 625-44; C.A. Lértora Mendoza, *Filosofía y Teología en el siglo XIII. Un caso de delimitación: la ‘creatio ex nihilo’ como ‘credibilia’ según Grosseteste*, pp. 645-64; A. Lorenzon, *A questão ecológica e o itinerário de São Boaventura*, pp. 665-79; J.M.C. Pontes, *Raimundo Lúlio – Na polémica medieval religiosa do ‘Livro da Corte Imperial’*, pp. 681-95; R.H. Pich, *Scotus sobre a suposição*, pp. 697-39; R. Guerizoli, *Os limites do conhecimento humano nas ‘Quaestiones super methaphysicorum Aristotelis’ de Duns Scotus*, pp. 741-62; F. Bottin, *Ragione Pratica e persona in Duns Scotus*, pp. 763-90; J.A.C.R. Souza, *O Tratado sobre o Principado Temporal de Francisco Meyronnes O.F.M.*, pp. 791-812; R. Lambertini, *Le diverse strade della povertà: frati francescani tra istituzione e resistenza nelle marche del XIV/XV secolo*, pp. 813-30.

O segundo volume, editado em 2007, também apresenta uma divisão tripartida.

A primeira parte é inteiramente dedicada ao século XIII. Prevaecem os estudos sobre Tomás de Aquino, mas é também possível encontrar um estudo sobre Mectildis de Magdeburgo e outro sobre Henrique de Gand. O pensamento de Tomás de Aquino é apresentado nas mais diversas vertentes. Um primeiro artigo examina o alcance e significado do conceito de equidade em Alberto Magno e Tomás de Aquino e mostra que os juízos de equidade captam o essencial da ordem sobrenatural e natural pré-estabelecida e transportam-no para a resolução dos casos concretos e para o reestabelecimento da Justiça, possibilitando, ao mesmo tempo, a reinserção de acções conflituosas no interior de toda a criação. A herança filosófica grega na construção de um pensamento próprio é perspectivada em dois artigos que se complementa: um analisa a oposição entre o cosmocentrismo grego e o antropocentrismo tomasiano e outro examina a conciliação ou o encontro realizado pelo Aquinate. A importância dos princípios material e formal, a predicabilidade do real e a realidade enquanto participação são também discutidos nestes estudos. A confluência do pensamento grego com a fê judaico-cristã ocidental é ainda abordada por Olinto Pegoraro que defende que os grandes temas da filosofia foram direccionados e verticalizados para

Deus, durante o período da Escolástica e compara a verticalidade do ser e da verdade em Tomás de Aquino e em Heidegger. Uma outra temática apresentada é a questão do saber divino - que, por ser absoluto, eternamente acto e incondicionado e por ser, por essência, permanente e completa autocompreensão de si constitui um aspecto fundamental na matriz teológica medieval -, abordada à luz da questão 14 da Iª Parte da *Suma Teológica* e da questão 2 das *Questões disputadas sobre a verdade*. A metafísica da Ideia na sua existência absoluta em Deus e na sua existência participada na criatura intelectual é explorada por Henrique Vaz que, na sua reflexão segue os seguintes passos: 1) a Ideia em si. O tema platónico da Ideia e o seu desdobramento na metafísica da Inteligência (nous). os textos tomásicos *De Ideis*; 2) A Ideia como Verbo. O tema joanino-agostiniano do *Verbum* e o seu desdobramento na metafísica exemplarista. Os textos tomasianos *De Verbum*; 3) A Ideia como Forma. O tema aristotélico da *species* e o seu desdobramento na metafísica do conhecimento intelectual humano. Os textos tomasianos *De potentia intellectiva*. 4) Ideia e *esse*. A vertente especulativa da metafísica do *esse* como teoria da Ideia. A filosofia política de Tomás de Aquino é perscrutada a partir do estudo da propriedade dos bens externos, da lei natural, do direito natural, da essência da lei e da destinação universal dos bens. O último estudo sobre o dominicano reflecte sobre a presença tomista na doutrina teológica e filosófica do Concílio Vaticano II. Sobre a beguina Mectildis de Magdeburgo podemos conhecer um pouco da sua vida e sobre as fontes e influências presentes na obra *Das fließende Licht der Gottheit*, em cuja análise se destacam os rasgos fundamentais da sua antropologia, designadamente em relação à criação do homem, ao corpo humano, ao conhecimento humano, às virtudes e à liberdade. A problemática monopsiquista e a questão de se saber se a partir dos fundamentos de Aristóteles se pode mostrar que em todos os homens o intelecto é numericamente uno e também se é possível demonstrar o contrário é explorada por Mário Santiago de Carvalho a partir da obra *Quodlibet* de Henrique de Gand.

A segunda secção privilegia o século XIV e debruça-se sobretudo sobre a filosofia política. São estudadas 1. as problemáticas desenvolvidas por João Quidort de Paris no *De Regis Potestate et Papali* à luz do pensamento mais geral do autor e do contexto cultural, filosófico e político em que viveu, 2. os conceitos de *cidade* e *lei* no *Defensor Pacis* de Marsílio de Pádua e 3. as relações entre o poder do Estado e o poder da Igreja em Egidio Romano (o defensor da teoria autocrática) Dante (um utópico que sonha realizar a harmonia entre o poder espiritual e civil) e Marsílio de Pádua (o defensor da subordinação do poder eclesiástico ao poder temporal) e 4. o contexto histórico-doutrinal da *Monarquia* de Dante, a arquitectura da obra, os problemas que nela são debatidos e a surpreendente confluência da história pagã e da história cristã da salvação na eleição da forma imperial como a melhor para a humanidade. Sobre Dante encontramos ainda um ensaio sobre a estrutura da *Divina Comédia* e o alcance e significado do inferno, do purgatório e do paraíso e

um estudo acerca das reflexões de carácter metodológico de Dante, especialmente na sua teoria da interpretação e dos múltiplos modos da interpretação, onde se explora as duas metáforas que ilustram a concepção de método filosófico em Dante: o encontro amoroso e o banquete intelectual.

A questão do tempo e da retórica em João Buridano merecem dois artigos nos quais se aborda, por um lado, a doutrina do tempo na tradição peripatética desde Averróis e Tomás de Aquino até Ockham e o conceito de tempo à luz do quarto livro das *Quaestiones in octo libros Physicorum* e, por outro lado, a retórica enquanto concebida como *logica moralis* e entendida num duplo registo: segundo a natureza da lógica e segundo a natureza da moral. Nesta segunda parte podemos ainda encontrar um escrito sobre Margarita Porete e outro sobre Santa Catarina de Siena. O primeiro contempla um estudo sobre a vida e obra de Margarita, uma análise da estrutura e finalidade do *Speculum* e a investigação da questão da liberdade e do amor puro; o segundo constitui uma reflexão em torno da espiritualidade em Santa Catarina de Siena, apresentada em cinco momentos: o desapego relativamente ao corpo e o apego aos valores que informam a alma; a concepção antropológico-teológica desenvolvida a partir da ideia do homem como *imago Dei* e *imago Christi*; a demonstração de como as faculdades da alma convergem para a dialéctica do amor; a primazia ontológica e metafísica do amor e, num último momento a mística em Santa Catarina.

A terceira e última parte contempla estudos sobre autores e temas do final da Idade Média e início da modernidade. Nicolau de Cusa é o primeiro autor apresentado. Em quatro artigos explora-se a inserção do seu pensamento no contexto histórico-político e teológico em que viveu, mostra-se de que forma a sua visão do homem, da história e da política é precursora da tolerância moderna, reflecte-se sobre a ontoteologia presente no *De docta ignorantia* e no *De visione Dei*, aborda-se a explícita menção crítica a Marsílio de Pádua no *De concordantia catholica* e a relação entre Cristo e os apóstolos (e a valorização de Pedro em relação aos demais), nas propostas conciliatórias de Marsílio de Pádua e Nicolau de Cusa, referindo-se as diferentes fontes que se articulam nas suas propostas, os diferentes contextos históricos e intenções dos autores. Cerqueira Gonçalves traz à discussão a questão medieval enquanto processo hermenêutico de aprofundamento, de unificação e de diferenciação de sentido. Fernández-García explora as diferentes concepções que autores da modernidade (como Descartes, Leibniz ou Espinosa) têm de onipotência divina e procura a raiz destas divergências na filosofia desenvolvida por autores medievais. As concepções de espaço na Idade Média, a sua quantificação, matematização, existência real, o espaço absoluto e vazio, a possibilidade de representação de um espaço absoluto e vazio e a impossibilidade de os corpos puderem ser situados num espaço vazio são as temáticas introduzidas por Wolfgang Nausner, enquanto Carlos Nascimento discute as passagens sobre o movimento uniformemente acelerado e a experiência do plano inclinado presentes no *Discorsi* de Galileu. Os tópicos principais do anticartesianismo nas primeiras

obras de Giambattista Vico, a fundamentação epistemológica da *Scienza Nuova* e o facto da mediação entre prática e teoria não ter conhecido uma solução nos escritos do referido autor são os temas em torno dos quais Karl-Otto Apel disserta no seu artigo. Falta-nos apenas fazer referência ao estudo de Nythamar Oliveira sobre a antropologia filosófica de Calvino, onde se discute a perspectiva calvinista de homem e a concepção do homem enquanto *imago dei*.

Conteúdo: *Apresentação*, pp. 9. PARTE I: SÉCULO XIII: J.R. Pierpaoli, *El significado del concepto de Equidad en Alberto Magno y en Tomás de Aquino*, pp. 11-9; E. Reinhardt, *La antropología de Mectildis de Magdeburgo*, pp. 20-9; J.B. Metz, *O antropocentrismo cristão de Tomás de Aquino*, pp. 30-9; M.A. Oliveira, *A releitura tomásica da metafísica grega*, pp. 40-54; H.C.L. Vaz, *A metafísica da ideia em Tomás de Aquino*, pp. 55-62; O.A. Pegoraro, *A verticalização da metafísica e a triangularidade da verdade*, pp. 63-70; M. Camello, *Ciência e autocompreensão divinas em Santo Tomás de Aquino*, pp. 71-6; M.L.P.F. Landim, *A relação homem-natureza em Tomás de Aquino e na Modernidade*, pp. 77-82; A.F. Migot, *Destinação Universal de bens*, pp. 83-7; Dom O. Moura, *A novidade perene do tomismo*, pp. 88-9; M.S. Carvalho, *Contra fundamenta Aristotelis – Horizontes da problemática monopsiquista: Henrique de Gand em 1286*, pp. 90-105; L. Honnfelder, *A importância da metafísica para a fé e para o conhecimento*, pp. 107-14. PARTE II: SÉCULO XIV: J. Ignasi Saranyana, *La noción de “libertad” en el contexto de la mística neoplatónica – A propósito del Speculum animarum simplicium de Margarita Porete*, pp. 115-22; J. Miethke, *João Quidort de Paris: De Regia Potestate et Papali – Ocasão e caráter de um escrito polémico*, pp. 123-32; U. Zilles, *A Divina Comédia de Dante Alighieri*, pp. 133-44; L.C. Bombassaro, *Dante Alighieri, um elogio marginal à filosofia?*, pp. 145-55; F. Bertelloni, *Reflexiones sobre el naturalismo político de Dante*, pp. 156-65; S.R. Strefling, *O desmantelamento do poder Papal na eclesiologia de Marsílio de Pádua*, pp. 166-73; D.O. Bombassaro, *Conflitos do poder no século XIV – Uma resenha de como adquirir controle sobre a vida humana*, pp. 174-83; A. Ghisalberti, *Le categorie della temporalità in Giovanni Buridano*, pp. 184-94; G. Krieger, *Rethorica sive moralis dialectica: sobre a relação entre Retórica e Ética em João Buridano*, pp. 195-205; M.L.S. Ganho, *A espiritualidade de Santa Catarina de Siena*, pp. 206-13. PARTE III: FINAL DA IDADE MÉDIA – INÍCIO DOS TEMPOS MODERNOS: E.R. Martins, *História e política no pensamento de Nicolau de Cusa*, pp. 214-30; I. Strieder, *De visione Dei – Nicolau de Cusa: 1401-1469*, pp. 231-4; G. Piaia, *Marsílio de Padova e Nicollo Cusano: um rapporto ambíguo*, pp. 235-42; C. D’Amico, *Pluraliter et indifferenter – La igualdad de los apóstoles en las posiciones conciliaristas de Marsílio de Pádua y Nicolás de Cusa*, pp. 243-52; J.C. Gonçalves, *Humanismo, hermenêutica e as questões medievais*, pp. 253-7; M.S. Fernández-García, *Antecedentes medievais en la concepción racionalista de la omnipotencia del absoluto*,

## RECENSÕES

pp. 258-64; W. Neuser, *Sobre a unidade do espaço e matéria na filosofia medieval da natureza*, pp. 265-72; N. Oliveira, *Calvin's philosophical anthropology of the imago dei*, pp. 273-83; C.A.R. Nascimento, *Dando volta nos problemas: segunda visita de "Três tradições explicativas na lei da queda dos corpos*, pp. 284-91; M. Lucchesi, *A Idade Média em espiral*, pp. 292-9; K.-O. Apel, *O anticartesianismo de Giambattista Vico e seu programa de uma "nova ciência": uma contribuição topológica para a programação da ciência nos tempos modernos*, pp. 300-20.

Daniela Silveira

(Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia)